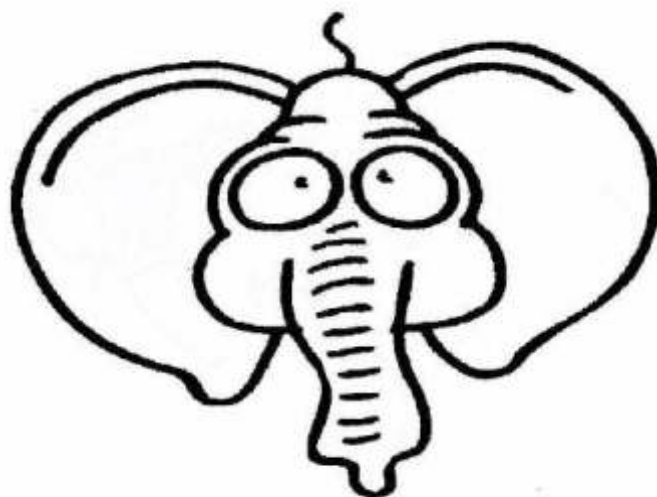


ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO N°16, SETEMBRO DE 2006 - ANO 4



um papo com
**FERNANDO
ROSA**



ELEFANTE BU N° 16

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

CAPA:

Foto de autor desconhecido. Manipulação no Photoshop de Djenane Arraes.

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Fernando Rosa, Georgiana Calimeris, Gizza Machado, Felipe Gurgel, Dado Pinheiro, John Ulhoa, Fernanda Takai, Saulo Raphael, Washington Ribeiro.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL E EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Jardin, da banda mexicana Liquits. Essa música é legal pra caramba. Muito Volver, sobretudo o novo single *Tão Longe, Tão Perto*. *We use to be friends*, de The Dandy Warhols. *Angels and Darlas*, Say hi to your mom. Essa música em especial é para geeks! Bastante Cidadão Instigado também. E só para dar uma descontraída, o tema de *Goonies* da Cindy Lauper.

APOIO:


porãoweb.com.br


BigG
POP•ROCK•MUSIC

Desisti de editoriais

Talvez, na próxima, edição possa fazer algum.

SUMÁRIO

CAPA

FERNANDO ROSA

PATO FU

Érika Machado
Hector Buitrago
VMB 2006

MATÉRIA

Mais uma vez Fortaleza

ESPAÇO LIVRE

A terceira onda de Brasília

MUNDO GEEK


As incríveis aventuras de Kavalier e Clay

O GUIA

Poesia de Gizza Machado
Crônica de Georgiana Calimeris



UM NOVO NOME PARA A MÚSICA NACIONAL



Já ouviu esses versos: “Escrevi meu nome no cimento pra alguém lembrar de mim/ me pergunto, no entanto, por que é que estou aqui”? Se não sabe do que estou falando, te digo. Trata-se da faixa título do disco *No Cimento*, de Érika Machado, cantora de Belo Horizonte que aos poucos começa a conquistar seu espaço no cenário musical. O disco apresenta 13 faixas (sendo que a última é um remix) de um pop delicioso e sofisticado. *No Cimento* foi gravado no estúdio 128 Japs e tem produção de John Ulhoa. Mas não precisa ler as informações do disco para perceber que existe um dedo do guitarrista do Pato Fu no disco. Muitas das canções apresentam o seu toque característico.

Ele conheceu o trabalho de Érika por meio de *Baratinho*, gravado só com voz e violão. “É um disco-esboço, muitas canções têm menos de um minuto. Mas acho que ele já tem todo o clima das coisas dela, e *No Cimento* é um prolongamento desse trabalho”, disse John. “O que gosto na Érika é ela ter um universo próprio, um jeitão só dela, uma identidade que transparece em timbres, sotaques e até no que ela faz como artista plástica. No final, achei que fizemos um disco muito bom”. A parceria de Érika e John também resultou na canção, *Alguém da minha*

família.

Escutar *No Cimento* por inteiro é muito fácil. Há verdadeiros achados poéticos nele que podem conquistar na primeira audição, em especial a faixa título e em *As Coisas*. “Há coisas que são bem grandes, mas cabem nessa canção/ consigo por numa frase girafa, amor e avião”. Para conhecer mais o trabalho de Érika Machado, a dica é visitar o site oficial da cantora www.erikamachado.com.br. Na sessão de *downloads* é possível pegar a música *Secador, Maçã e Lente*.

FRUTO REAL

MADE IN COLÔMBIA

Fernanda Takai fez uma participação especial no disco *Conector*, projeto solo do colombiano Hector Buitrago, do Aterciopelados. A vocalista do Pato Fu cantou em português na faixa *Fruto Real*, que está disponível para *download* na página oficial do artista (www.conector.com). *Conector* é considerado um disco de world music e nele você encontra ritmos colombianos e de outros locais do mundo. Por isso, não se surpreenda se ao ouvir *Fruto Real*, por exemplo, ter sensação de que se trata de uma música feita por algum hippie dos Andes. Na verdade, é quase isso mesmo! *Conector* é um projeto interessante, que vale à pena conhecer pelo capricho da produção. Também participaram do trabalho solo de Hector, a outra Aterciopelados Andrea Echeverri, o cantor romântico espanhol Alex Ubago, Julieta Venegas, e outros artistas colombianos identificados com o folclore daquele país.



SORTE E AZAR

NO VMB 2006

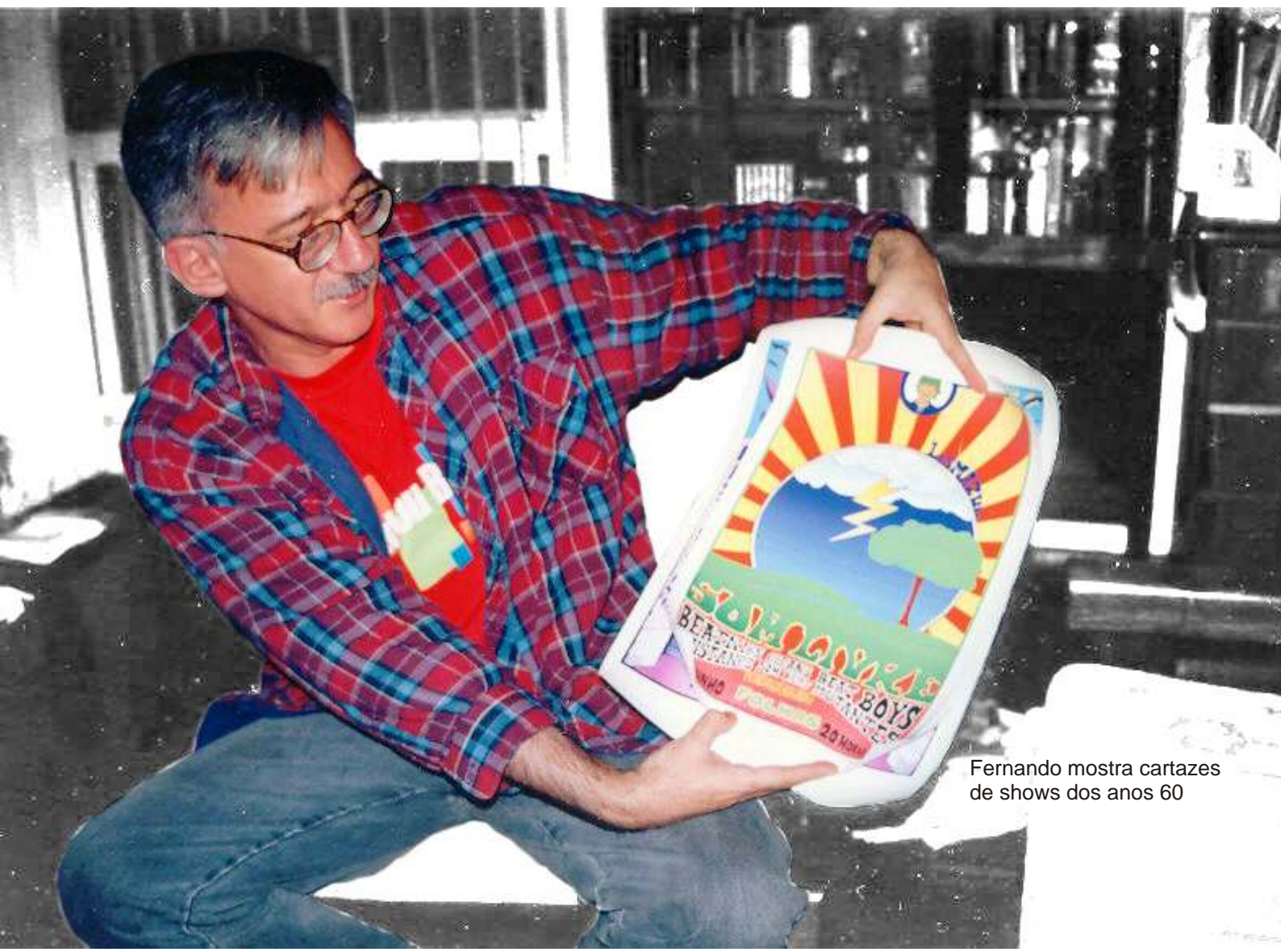


O Pato Fu concorre mais uma vez ao Vídeo Music Brasil (VMB). Na edição deste ano, o clipe da música *Sorte e Azar*, do disco *Toda Cura Para Todo Mal*, compete na categoria Melhor Clipe Pop. O Pato Fu vai disputar o voto popular com Sandy e Júnior, Jota Quest, Skank e Os Paralamas do Sucesso. *Sorte e Azar* é uma produção da TvZero que traz recortes de imagens religiosas. Há inclusive fotografias do clipe de *O Peso das Coisas (Maria e Gabriel)*, de Eduardo Belmonte, que conta a história da anunciação do anjo Gabriel feita dentro de um hospício. O curioso é que pela primeira vez em muito tempo um clipe da banda não concorre a uma categoria técnica, uma área que ela sempre foi muito premiada. O VMB acontece no dia 28 de setembro e será transmitido ao vivo no Credicard Hall em São Paulo.

UM SENHOR PAPO

Djenane Arraes

Tarde ensolarada de sábado. O local de encontro foi o Bar Brasil, na 202 Norte, Brasília, Distrito Federal. É um lugar tranquilo no comércio da quadra onde se reúnem tanto grupos de amigos quanto famílias que passam por lá para comer alguns petiscos. Esse foi o cenário da entrevista que fiz com Fernando Rosa, jornalista e um dos articuladores da cena independente do país. O gaúcho veio morar em terras brasilienses nos anos 90. Aqui ele começou a produzir a revista eletrônica Senhor F, que pouco depois se tornou um dos mais influentes veículos de divulgação de novas bandas, além de ser uma fonte preciosa de histórias (grande parte quase perdidas) do rock nacional. Hoje a Senhor F possui cerca de 40 mil leitores e se transformou também em selo, agência de notícias, programa de rádio e produtora.



Fernando mostra cartazes de shows dos anos 60

Elefante Bu - Você começou a revista Senhor F em 1999 e hoje ela virou uma marca poderosa no meio independente, com selo, agência de notícias, produção de eventos. Você imaginava que ia acontecer tudo isso quando começou?

Fernando Rosa - Era um hobby na verdade. Quando cheguei aqui, conhecia pouca gente, tinha criança pequena, e não havia como sair muito. Também tinha trauma de empregadas paulistas e não tinha a menor confiança de deixar meus filhos.

Elebu - Empregadas paulistas?

Fernando - Ah, elas davam remédios para criança dormir e até faziam barbaridades. Essa foi a fase de filhos pequenos em São Paulo. A gente olhava bem para o cidadão, mas mesmo assim... Então isso fez com que eu ficasse muito caseiro. Fiz durante algum tempo um programa na rádio Cultura, mas aconteceram alguns problemas das quais nunca entendi direito, e tiraram os programas do ar. Eles até iam me convidar para voltar separadamente, só que tive de ir para Porto Alegre fazer campanha eleitoral e fiquei seis meses por lá. Quando voltei, a internet estava crescendo. Então fiz a revista, mas muito timidamente e sem ter como saber do que seria aquilo. Tinha a idéia de que o mundo ia correr para aquela mídia. Eu queria inclusive, no ponto de vista jornalístico, me apropriar um pouco dela e não ficar à margem. Até porque via muitos colegas jornalistas que mais brigavam com a evolução da mídia do que tentavam se interar.

Agora vejo coisas loucas. Tem uma história de uma música dos mutantes, *Ando meio Desligado*, que tem uma versão em compacto que ninguém assume, mas acho que é o primeiro remix do Brasil. Ela tem cerca de 40 segundos a mais que a original. Alguém colocou rajadas de tiros depois que a Rita Lee fala "ó meu Brasil". Acho que isso foi uma brincadeira de quem viu Hendrix protestando contra a guerra em *Woodstock* e resolveu fazer o mesmo contra a ditadura, só que no estilo Mutantes. Ou seja, "ando meio desligado uma ova. Estou ligado e denunciando vocês, seus f***". E eu não conseguia descobrir quem fez o remix. Perguntei para o (Rogério) Duprat e o Serginho (Dias), e eles não lembram. Então veio um colaborador meu do interior de São Paulo, o Luciano Assis, que fez uma entrevista com o Carlos Calado. Pedi para perguntar isso e ele disse que também não se lembrava, mas deu uma dica: tinha um cara que trabalhava com a Rita Lee que sabia de tudo. Ele passou o telefone e quando liguei e fui me apresentar, "olha, eu sou o Fernando da revista Senhor F...", e ele disse "claro! Leio muito sua revista". Então a revista assumiu uma importância além do que eu imaginava e além do que eu sei. Tenho idéia de como ela penetrou como meio de divulgação e informação na cena independente, porque é uma coisa menor e tem uma configuração mais clara. A gente sabe onde ela está e mantém uma relação com todo mundo. Mas é

diferente quando você faz uma matéria de uma banda peruana dos anos 60 e depois recebe um e-mail do ex-baterista que hoje mora na Suécia e trabalha num banco de lá. Você não tem o menor controle sobre isso.

Elebu - É como eu começo a sentir com o Elefante Bu. É um veículo muito menor do que qualquer um outro, mas ainda assim, a cada edição, recebo mensagens de pessoas diferentes daquele meu ciclo. Noutro dia fiquei sabendo que a última edição teve alguma repercussão. Só que não esperava e nem estava preparada para esse tipo de coisa. Até comentei isso com um dos meus colaboradores: sobre essa sensação de perda de controle. Por um lado é incômodo não ter noção de como o seu trabalho está circulando. Por outro é divertido. Começam a surgir casos engraçados de gente que reclama por causa de certas posições. Há também muitos elogios.

Fernando - Mas isso é muito bom. E é bom porque ninguém sabe onde você está. Quer dizer, sabem que a revista é editada em Brasília e mantém um distanciamento. Noutro dia publiquei uma matéria de uma banda de São Paulo chamada *Os Gianoukas Papoulas*. Se alguém me perguntasse se ela existia, diria que não porque não me lembrava de nenhum nome assim. Um dia recebi o disco deles. Essa banda desistiu de pensar o CD e o editou em forma de site, o que é muito interessante. Olha, muito boa essa banda. É bem resolvida, com um pop consistente, timbres legais, bem tocados, letras inteligentes. Então dei o maior peso para eles e nem sei quem são. Mas isso é bom porque você tem certo distanciamento. Acho que o fato da revista estar em Brasília ajudou muito, porque está fora de pressões maiores. É claro que aqui eu elegi um tipo de música e sonoridade que gosto, e me relaciono com essas bandas. Em São Paulo e no Rio você é muito pressionado pelo lobby. Vejo muitas bandas de lá que não têm a metade da qualidade de uma daqui, por exemplo, mas eles têm mais proximidade com a mídia e mais espaço. Se alguém falar deles, vai ter mais peso do que se fosse alguém daqui.

Elebu - Será que isso é só por causa da própria natureza dessas cidades? Claro que existe a proximidade natural das maiores mídias, existem mais espaços. Só que o que observo é que quando uma banda nasce em São Paulo, ela pensa em todo um esquema profissional. Tem um planejamento. Diferente do que acontece aqui, onde só agora as bandas estão despertando para isso.

Fernando - Acho que aqui tem algumas bandas que evoluíram nesse sentido. A *Móveis Coloniais de Acaju* hoje é praticamente uma empresa. Os meninos são efficientíssimos. Tem esses meninos da *Lucy & The Popsonics* que são rápidos e ágeis. Você vê a diferença na forma que eles resolvem as questões de relação. Por exemplo, nós vamos lançar uma

coletânea no (teatro) Martins Pena do projeto *Senhor F Na Escola*. Serão 19 bandas em quatro noites de graça. Vamos fazer a coletânea física, e também disponibilizar para *download* numa parceria firmada com o Jornal de Brasília. Comigo não há nenhum problema, mas para o jornal é importante ter uma autorização para colocar o *download* por causa da questão da marca registrada. Pode aparecer alguém cobrando os direitos depois. Por isso estou colhendo as autorizações. As bandas que estão mais preocupadas a se viabilizar são as primeiras que resolvem a questão. Elas compreendem que quanto mais você andar rápido, mais espaço ocupa.

Elebu - Após o sucesso da revista eletrônica, você montou o selo *Senhor F Discos* e também há o *Senhor F Virtual*. Como é que eles funcionam?

Fernando - Quando a gente pensou no *Senhor F* selo, tive receio de que ele fosse estreitar a relação da revista com a cena nacional, porque ia fazer opção por algumas bandas. Você faz por uma o que deixou de fazer por outras, e isso sempre gera muitas expectativas. Tanto é que tivemos muitas propostas para lançar vários discos. A idéia do *Virtual* não surgiu por conta disso, mas acabou ajudando. Porque o *Virtual* dá condições de você também estabelecer uma relação editorial, no ponto de vista de selo, em contribuir na divulgação de muitas bandas do país inteiro. Agora ele tem outro foco que é divulgar os *singles* das bandas, mas também busca dar força a gente de regiões que tem menos condições, como o *Vanguard*, de Cuiabá, e o *Los Porongas*, do Acre. Algumas que entram pelo *Virtual*, acabam sendo agregadas no *Discos*, como o *Los Porongas*, que a gente gravou o disco e deve sair no final do ano.

Elebu - Então o *Senhor F Virtual* não tem qualquer compromisso em lançar discos dessas bandas?

Fernando - As próprias bandas acabam fazendo isso. Qual o acordo ali? Eles me liberam os direitos das músicas para uma possível coletânea física e, em troca, eu dou o espaço para o *download* grátis. Eles mesmos criam a arte em alta-resolução e incluem o selo do *Senhor F Virtual*. A idéia é ser totalmente *on-line*, mas como a gente também disponibiliza a capa, os fãs acabam fazendo seus próprios CDs. A própria banda também acaba fazendo isso. A *Vanguard*, por exemplo, deve ter feito suas mil cópias do *single*. Eles fazem em mp3 mesmo, imprimem a capa numa qualidade legal, que não é de gráfica mas funciona. Depois eles distribuem esse material. Agora a relação com as bandas do *Senhor F Discos* é diferente. A gente faz um contrato e tem uma presença muito maior na discussão de estratégia da banda, de negociação de espaços, de participações em festivais. A idéia original é que tivéssemos bandas novas, e não poderia ser muitas para que pudéssemos ajudar a construir carreiras. Se não fosse assim, a gente já poderia ter lançado uns vinte discos.

Dizer “não” é complicado, mas acho que as pessoas entendem que existe uma política de selo e nós queremos mantê-la sem querer ampliar muito. Por exemplo, nós ajudamos a montar a turnê da *Volver* no Sul e articulamos o Banda Antes (programa da MTV). A *Superguidis* e a *Los Porongas* estão tocando no Rio e em Belo Horizonte. A marca e eu temos peso no processo, mas o ponto principal é discutir estratégias e até orientações em entrevistas. É claro que não vou dizer “faça isso ou aquilo”, só que quando se fala de uma banda como a *Los Porongas*, do Acre, a tendência da mídia é transformá-los em seres esotéricos. É preciso ter cuidado com isso. Não é que você tenha que negar suas origens, mas tem que orientar um posicionamento. A rigor, ocorre que o Acre nunca teve uma presença cultural na cena. Então essa é a questão que está em jogo. É como a própria banda diz: que na verdade eles nunca tiveram isolados, só mais afastados dos grandes centros brasileiros. Se você coloca as coisas nesses termos, já se posiciona de uma outra maneira. Já entra te integrando e não com o discurso do excluído. Então esse é o meu papel. O Philippe (Seabra) é mais o cara do estúdio, daqueles que pega a música e diz “risca essa nota porque é ela é palha”. Tem muito disso também. Às vezes as bandas são excelentes, muito bem resolvidas, mas ainda possuem certos tiques que alguém deve dizer para tirar fora porque não funciona.



A capa foi sugestão de Fernando, que também colaborou com a revista.



Elebu - Como é que você entrou nessa empreitada com o Philippe Seabra? Vocês já se conheciam há muito tempo?

Fernando - Eu conhecia o Philippe, mas não tinha uma relação aproximada com ele. A verdade é que a idéia de criar o selo foi mais dele do que minha. Eu tinha essa idéia, mas nunca dei muita bola para isso. Ficava imaginando que gravar disco era um negócio muito complicado. Então o Philippe entrou com a visão de um cara que sabe como é que se faz. E ele tem um estúdio, o que dá a segurança de você ter uma banda e ter onde gravar.

Elebu - Vocês chamam as bandas contratadas pelo selo para gravarem aqui?

Fernando - A *Los Porongas* gravou aqui, mas cada caso é um caso. Vou citar-los um a um. O *Beto (Só)* mora aqui, gravou aqui, com músicos daqui. A *Superguidis* gravou o disco no quarto de um amigo deles. Muito louco o que esses moleques fizeram. Eles dizem que são o maior exemplo do que a tecnologia permite a alguém com talento fazer. A *Volver* gravou em Recife, no estúdio Mr. Mouse, que é de uns caras que produzem todas as bandas mais novas de lá,

como a *Astronauta* e a *Mombojó*. E eles são muito bons. A *Stereoscope*, que é de Belém, gravou o disco em estúdio próprio, e nós o mixamos aqui. *Los Porongas* ficou acampado na casa do Philippe. É um esquema tranquilo que dá muita mobilidade: os meninos levantam, tomam café na casa do Philippe, e vão para o estúdio trabalhar. A *Superguidis* deve estar vindo para cá em janeiro gravar nesse mesmo esquema. Agora a gente, sempre que possível, prefere gravar aqui porque tem mais qualidade.

Elebu - Com tanta atividade, agora você está se dedicando exclusivamente a *Senhor F*?

Fernando - Que nada! Estou na tripla jornada! De 2003 até meados de 2005, fui coordenador de comunicações do Ministério de Minas e Energia. Mas aí, a revista cresceu muito e o selo também. Começaram a surgir oportunidades para outros tipos de projetos, e eu entrei numa encruzilhada. Ou enterrava toda essa história ou encontrava uma alternativa mais viável, no ponto de vista de renda, onde pudesse ter um pouco mais de flexibilidade. O problema no Ministério era que eu viajava dois, três dias por semana e não tinha o menor controle da minha agenda. O ritmo de trabalho era de 14, 16h por dia. Chegou uma hora que precisei fazer uma opção. Então fui trabalhar na Câmara (dos Deputados). O ritmo é tão pesado quanto, mas pelo menos eu não viajo tanto. Lá também tem um esquema de horários mais flexíveis. Se tiver de negociar um dia, eu terei como. Se tivesse a oportunidade de me dedicar exclusivamente a *Senhor F*, eu faria. A idéia da marca toda precisa ter algum nível de rentabilidade. Aí vem o meu trabalho em transformar produtos diferenciados de conteúdo para a revista. A grana que gera é investida no selo, porque hoje não dá para trabalhar com a idéia de retorno financeiro com venda de CDs. Isso não existe. Inclusive, só topei criar o selo se tivesse condições de bancar de uma outra maneira que não seja com retorno. Claro que você pode ter uma banda que venda mais, mas é tão lento... Por exemplo, a gente prensou mil CDs da *Superguidis* e da *Volver*, que já foi. Mas esse "já foi" é o seguinte: parte é vendida pelas bandas nos shows, mas a minha orientação é para não poupar CD. Se eles cruzarem com um cara que tem um programa de rádio não sei onde, dá o disco para ele. Vale mais do que vender por dez reais. Claro que isso é uma lógica de construção.

Elebu - Até porque é necessário fazer um bom uso desses formadores de opinião e de gente que possa ajudar a divulgar o seu trabalho.

Fernando - Tem um nível de investimento assim. Quando você prensa um disco, a gente fica com 500 e a banda fica com a outra metade. No caso da *Superguidis*, eu distribuí 200 no país inteiro e coloquei 300 à venda. Eles devem ter distribuído uns 100 e venderam 400. No total vendemos uns 700 discos. Se for fazer as contas, dá sete mil reais. Não paga!



A Los Porongas, do Acre, é uma das apostas de Fernando Rosa

Elebu - E quanto custa fazer um disco?

Fernando - A prensagem até que não está tão cara. Com 2.700 reais você paga mil cópias. Mas se for contar com o estúdio é inviável porque você não gasta menos de 10 mil reais com isso. O custo de um disco independente e com qualidade é de 15, 20 mil reais. A verdade é que a grande distribuição e divulgação é pela internet, e isso não está resolvido no ponto de vista comercial. As pessoas dizem que devo cobrar no *Senhor F Virtual*. Mas cobrar como? São 50 centavos por música? O cara vai ter que depositar 50 centavos numa conta bancária? Vou ter que abrir um sistema de cartão de crédito, que é muito caro e fica inviável? A relação comercial de música na internet não está resolvida, a não ser para as grandes corporações. E depois, não sei para onde vai isso. O *mainstream* faliu e estou cada vez mais convencido disso. A Folha (de São Paulo) fez a matéria "MTV no divã", porque a emissora virou um SBT jovem. Só tem programas de auditório, e o Show do Milhão é melhor. Noutro dia estava vendo uma menina numa gincana, em que ela tinha de estacionar um carrinho de controle remoto, e não conseguia. Aí tinha um povo no fundo gritando que mulher é burra e não sabe dirigir. Eu não entendo isso.

Elebu - É curioso porque de repente você pára de assistir o canal e depois começa a se questionar por quê. Será que a gente ficou velho para a MTV ou alguma coisa está errada mesmo?

Fernando - Eu ainda tento ver algumas coisas. Tem o

Banda Antes que é bacana e passa alguns cliques legais dependendo do horário. Mas a MTV abandonou a música e está dando espaço só para programas de auditório. E eles estão se debatendo com esse problema. Também não tiro um pouco a razão de tentar segurar a audiência, mas será que esse é o esquema? Acho que eles estão pensando programas para um tipo de público sendo que na verdade estão fazendo é para outro. E quem vai anunciar ali? Porque quem pára para assistir aquilo é muito moleque e não consome nada. Até um tempo atrás tinha o mercado de celular, só que isso acabou, porque todo mundo tem um. Então o *mainstream* está em crise. Quem é que está dizendo alguma coisa que preste na cena brasileira de hoje? Eu sou do tempo que havia um John Lennon com um discurso. Aqui no Brasil havia um Raul Seixas e um Chico (Buarque).

Elebu - E não vai dar para fazer discurso mesmo. Não tem nem lugar para isso. Hoje, ou você vai agüentar o Faustão, ou vai ter que contar piada no Jô Soares, só para tocar duas músicas no programa dele.

Fernando - É isso mesmo. Do ponto de vista da indústria, existem fórmulas: é a fórmula Pitty, que já reproduziu a Luxúria; é a fórmula Charlie Brown Jr; a fórmula CPM22, que já reproduziu a Reação Em Cadeia, lá do Rio Grande do Sul. Então onde você se encaixa? Ou você é clone de um desses padrões ou acabou. Agora apareceu o Armandinho. Aquilo é um clone do Jack Johnson, com a diferença que o Jack Johnson é bom. Só que existem situações absurdas que provam que as pessoas não são tão burras, que é

o caso da novela *Belíssima*. Em 2004, participei de uma entrevista pela Usina de Som, onde eles perguntaram quais os artistas nacionais ou internacionais que iriam estourar em 2005. Eu fiquei olhando que só citavam bandinha, ninguém com peso. Na época estava escutando um cara chamado Damien Rice, que é irlandês e tem um disco de estréia belíssimo que chama "O". Eu disse na entrevista que esse é o cara. Mas um "esse é o cara" meio de sacanagem. O que estava dizendo era que não acreditava nesses *hypes* todos que estão aí. De repente aparece a Ana Carolina com o Seu Jorge cantando música do Damien Rice para a novela das oito. E era uma versão horrível que comia a metade da letra. Só que a coisa cresceu tanto que se apressaram para colocar a própria versão original. O disco saiu timidamente no Brasil. Quando a novela pegou, a gravadora colocou uma faixa branca com o escrito "trilha da novela". É um absurdo porque ele não tem nada a ver com esse universo. É um cara alternativo cult europeu irlandês. Ou seja, o cult do cult. Mas a música dele é tão forte que acabou pegando. Portanto, se você tiver coisas bem feitas, fortes, estiver sintonizado com o que as pessoas querem ouvir, tiver o mínimo de exposição, isso mina.

Só que o controle da grande mídia é tão forte que fica complicado. Hoje tem o Arctic Monkeys como o grande fenômeno do rock. Todos os jornais dão capa e fazem um estardalhaço. Mas quando você vê a lombada do CD, percebe que a gravadora só lançou duas mil cópias. Puxa, o nosso selo que é pequeno lançou 1.500 cópias de dois artistas. Não entenda o que vou dizer como xenofobia, é apenas uma lógica de comunicação. Que importância cultural tem fazer esse barulho todo em cima de uma banda de uma cidadezinha do interior da Inglaterra que vira um fenômeno, e a gente sabe que será só daquela semana ou mês, e depois vai desaparecer? Ele não vai ter influência nenhuma do ponto de vista cultural. Não justifica a pauta, porque é um número reduzido de pessoas que vai acompanhar. Inclusive, é um número menor do que se esses mesmos jornais dessem esse mesmo espaço para um artista nacional independente. Quando se dá um grande espaço para um Chitãozinho e Xororó, daí eu entendo porque eles são grandes e 70% das pessoas que consomem o jornal tem um CD deles.

Elebu - Por que isso acontece?

Fernando - Acho que é colonialismo, é resquício de anos 90, quando teve a questão de achar que tudo que vinha de fora é que era bom. Têm discos nacionais que são melhores que todas essas bandas que fazem auê. Mas vai explicar isso para os caras! Eu não queria dizer um dos meus, mas acho que a *Superguidis* é melhor que a Arctic Monkeys. A *Vanguart* bem gravada é tão boa quanto essas bandas de pop/rock americano, e ainda tem uma característica importante porque eles estão falando da nossa realidade. Isso merecia ter mais espaço.

LANÇAMENTOS DO SENHOR F DISCOS

Por enquanto são apenas quatro, mas outros estão à caminho

Clássicos na Noite Senhor F

Registros de estúdio de 22 bandas que se apresentaram nas Noite Senhor F, realizadas no Gates Pub. Entre elas estão Autoramas, Pipodélica, Frank Jorge e Cachorro Grande



Volver - *Canções perdidas num canto qualquer*

Quarteto de Pernambuco que conquista mais e mais espaço no cenário nacional. Foi um dos destaques do festival Porão do Rock deste ano.



Superguidis - *Superguidis*

Saídos de Porto Alegre, a Superguidis investe num som cheio de energia e intrigante, mas sem abrir mão da veia pop. O disco foi gravado num estúdio de garagem em Guaíba.



Beto Só - *Lançando Sinais*

O compositor brasileiro Beto Só traçou sua carreira dentro dos moldes mais alternativos e autorais.



Acho que essa geração de hoje está sob um massacre. Vivem sob uma ditadura cultural. Eu vivi a ditadura pesada nas décadas de 60 e 70, mas acho que essa de hoje é pior, porque se você for analisar, nos anos 70 ainda tinha artistas de qualidade que a indústria absorvia, e tinha um espaço para questionamentos. Hoje, você quer coisa mais ditatorial do que o Jabá? É uma concessão pública onde cobram uma grana preta para tocar a sua música. Dizem que é uma relação comercial e de publicidade, não vou entrar nesses méritos. Só não sei o que justifica uma rádio de rede nacional tocar só 200 músicas durante um ano. Não se justifica alguém se apropriar e utilizar uma concessão pública para beneficiar 200 pessoas, ou duas ou três empresas.

Elebu - Talvez o jabá seja mesmo o maior câncer cultural. Quem do cenário independente tem condições de pagar pelo espaço? Só mesmo as majors.

Fernando - Até uns dois anos atrás, você via bandas que trabalhavam com a lógica de tentar se viabilizar para depois serem contratadas por uma grande gravadora. A cena independente era vista como um trampolim para o major. Eu já conversei com as bandas do meu selo que as coisas não podem ser bem por aí. Ou vira todo mundo ou não vira ninguém, até porque historicamente é assim. Nos início dos anos 80, as rádios eram ruins, a produção cultural também, só que você tem uma virada. Depois da tropicália, houve um período de hibernação de 69 até 71, que abriu um terreno fértil para nascer qualquer coisa, menos cultura. Quando chegou 72, foi aquele estouro com o Clube da Esquina, Novos Baianos,

Secos e Molhados, Raul Seixas. Só que isso foi uma virada coletiva.

Elebu - Você acredita que ainda veremos uma dessas viradas dessa geração?

Fernando - Eu acredito no ser humano. Acho que o ser humano não é tão burro quanto tentam nos fazer parecer, senão não teria como explicar o surgimento de um Renato Russo. Se você analisar a história da cena daqui mesmo de Brasília, de quando é o primeiro disco da Legião Urbana?

Elebu - 1985.

Fernando - E o aborto Elétrico?

Elebu - Acho que começou em 79.

Fernando - Eu tenho gravações do Aborto Elétrico de 81. Então o pessoal ficou no mínimo cinco anos ralando e tocando para meia dúzia de pessoas com equipamentos horrorosos. Para você ver que não era fácil e mesmo assim houve um período de resistência no submundo do underground.

Elebu - Mesmo com a indústria falida e jabá nas rádios, você ainda acredita numa virada. Dá para vislumbrar um cenário futuro de como as coisas vão caminhar depois desse turbilhão?

Fernando - Esse é o meu problema, não consigo imaginar! Acho que toda a geração faz a sua síntese. Se quiser fazer uma sobre os anos 80 em forma de coletânea com as músicas que representaram



Alguns lançamentos do Senhor F Virtual



pensamento político, existencial e etc, você vai fazer uma puta síntese. Coloca *Que País é Esse, Inútil*, e monta um setlist da pesada. E você tem caras que sintetizam essa mesma geração. O Renato Russo foi um deles. O Raul Seixas e o Chico Buarque também foram nos anos 70. Mas para fazer essa síntese, você não só tem que ter a capacidade de absorver todas as informações que são coletivas, como devolvê-las. Hoje até acho que tem gente dessa geração que está recolhendo esses sentimentos, sonhos e informações. A dificuldade é como isso pode se visto de fato. Antes se fazia pelo rádio e pela televisão. Hoje não se tem nenhum deles. Você tem a internet, que teoricamente tem uma abrangência infinitamente superior, só que é fragmentada.

Elebu - Como potencial sim, mas a realidade é que só cerca de 30% da população mundial é que tem acesso a ela. Então ainda é um veículo para poucos...

Fernando - Para você ver que a quantidade de gente é ainda menor. Além do mais, é uma mídia fragmentária que precisa de filtros. De certa forma, a revista *Senhor F* é um filtro porque serve para a pessoa que quer saber informações sobre a cena independente. Mesmo assim, apesar da gente ter toda a preocupação com a imparcialidade e de ser o mais correto possível, só divulgamos o que achamos interessante. E nós temos um critério para isso, até mesmo porque a quantidade de bandas é enorme devido às facilidades. Você pode gravar qualquer coisa hoje. Acho que gravar um disco deveria ser como escrever um livro. Você precisa estar resolvido daquilo para poder apresentar.

Elebu - Mas essa coisa de ser resolvido, ter uma obra resolvida... não é muito complicado quando se está exposto a milhares de informações diárias e todas elas muito efêmeras?

Fernando - Acho que é mais uma questão de falta de parâmetros. Se tivessem um bem forte, talvez eles iriam parar para pensar um pouco se o que estão fazendo é bom. Também acho que isso é consequência do *hype*, que viabiliza coisas que são tenebrosas e não tem a menor contribuição cultural. Coisas que são um subproduto do *mainstream* e não representam nada. Ainda bem que existe gente preocupada em ser artista, no sentido de resolver bem a sua obra, buscar formas de se comunicar, fazer bons shows, ser mais profissional, dar atenção ao seu público, se articular mais, procurar pensar mais na realidade e interagir com ela, e assim vai. Como diz o Eduardo Araújo, na entrevista que está na *Senhor F*, essa é a visão do velho roqueiro que ouviu Elvis no original. Ele disse que "enquanto houver juventude, existirá o rock". O rock para mim é isso, é um embate interno desde o seu primeiro momento. Noutro dia estava vendo no *You Tube* um vídeo dos Ramones de 74. Eles eram ali quase os Ramones de 76. Nem todos usavam jaqueta, a postura de palco ainda de rock

tradicional com o jeito de segurar a guitarra um pouco mais alta, e ainda tiravam um pouco de solo. E o que eles na verdade eram? Um bando de moleques de Nova York, todos traficantezinhos. Só que eles construíram uma linguagem própria usando muita informação. O Joey sabia tudo de rock nos anos 50 e 60. Quando eles fazem esse movimento de buscar a estética do punk, já era intencional buscar os três acordes, música de dois minutos e jaquetas de couro. Claro que sacaram que aquilo seria um bom lance de marketing, mas não era como acontece hoje. O punk foi uma forma que eles encontraram de revolucionar o rock da época.

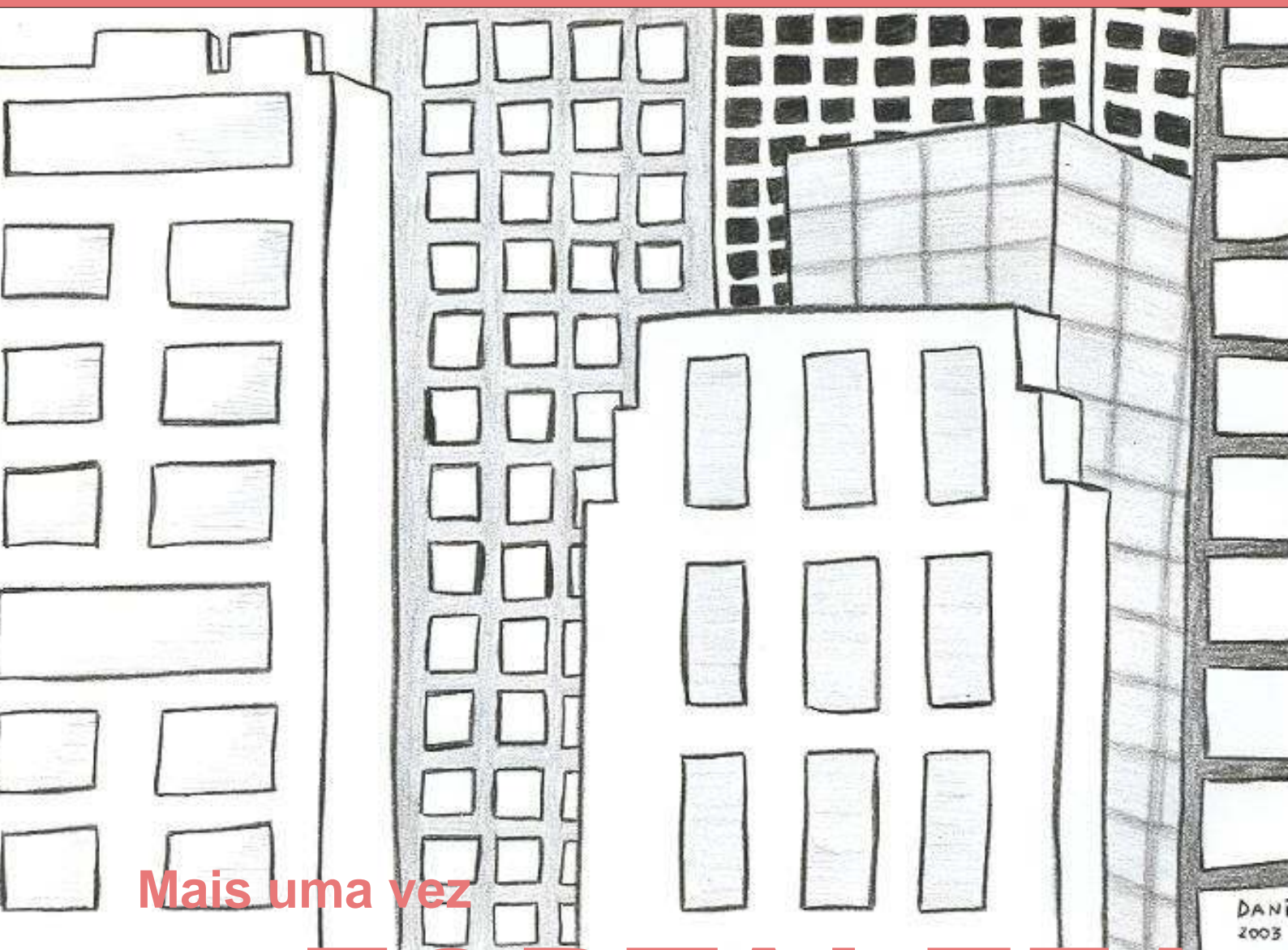
Elebu - Para resumir, o que essa geração precisa para finalmente acontecer é encontrar "o cara".

Fernando - E esse cara precisa aparecer de uma forma ampla. Por outro lado, se você pensar dez anos atrás, só o *mainstream* fazia o tipo de intercâmbio que a cena independente de hoje faz. Você não tinha um artista de Porto Alegre que saía para tocar em Cuiabá, como a Walverdes. Noutro dia recebi um e-mail do Mini (da Walverdes) falando de Natal. Isso é tão louco e a gente não tem muita dimensão. É claro que é restrito ao mundo alternativo, mas ele instiga as pessoas. Quem é o núcleo gerador que potencializa consciência e mudança? É esse menor mesmo, e não a grande massa. E esse mesmo núcleo está muito efervescente, o intercâmbio é muito grande. Alguma coisa ainda vai acontecer daí. A história do rock é cheia dessas coisas. Um show muda a vida de dois ou três que vão revolucionar a música mais adiante.

Elebu - Vamos esperar então essa mudança.

Fernando - Sim. E o legal é a gente esperar no meio dessa confusão





Mais uma vez

FORTALEZA

Talvez uma das declarações mais surpreendentes a respeito da uma cena musical de uma determinada cidade foi feita por George Belasco na matéria "Uma Outra Fortaleza", publicada na edição nº 15 do Elefante Bu. Não havia uma cena em Fortaleza, em sua opinião, e que não era por desmerecer o trabalho das bandas ou dos jornalistas: ele simplesmente era avesso a essa idéia porque acredita que ela faz surgir coisas bizarras, com o movimento emo. Oras, mas se existem tantas bandas pipocando em Fortaleza, fica difícil entender porque as coisas foram colocadas dessa maneira. Por outro lado, o que caracteriza uma cena musical? Ela é fruto de uma interação entre bandas com o propósito de viabilizar carreiras, e por seguinte organizar eventos para que as pessoas possam conhecer e se interar do novo. É preciso também ter identificação com a própria cidade, o que não significa bairrismo. Veja o caso da Autoramas. Apesar de Gabriel Thomaz ser brasiliense e ex-integrante da Little Quail, banda que é uma referência na capital federal, o seu novo trabalho foi formado no Rio de Janeiro e totalmente identificando com aquela cidade. Logo, ninguém vacila em apontar origens cariocas nesse caso, apesar da Autoramas ser conhecida e respeitada no país inteiro. E o mesmo ocorre com bandas no Sul, em São Paulo, Pernambuco, Goiânia, Brasília e até mesmo na Bahia

Agora pense nos principais expoentes da atualidade no Ceará. A Cidadão Instigado é de lá, mas parece que veio de Pernambuco. A Montage também, apesar de ter a cara de uma banda de São Paulo. Se não há identificação com a cidade, então George talvez esteja certo: não existe, afinal, uma cena, e sim um movimento de pessoas que procuram se viabilizar, mas que não formam um conjunto. Se as coisas são assim, será que existe alguém que faz um trabalho com total identificação com Fortaleza? Por que um artista de lá parece que pertence a outro local? Uma explicação é que o fortalezense vive a cultura do desapego, de acordo com o jornalista Felipe Gurgel. “A cidade é uma Miami tomada de interesses em prol do turismo e da especulação imobiliária. A preservação histórica não se evidencia, pelo contrário. A falta de vínculo com a raiz faz das pessoas que têm crescido aqui serem gente essencialmente cosmopolita”. Daí vem a tal diversidade característica de Fortaleza que se é sempre positiva porque indica riqueza estética, porém ela não ajuda muito na identificação com as origens. Essa é uma razão, talvez, para que essa “cena” ainda não seja plenamente reconhecida.

Felipe é um dos jornalistas que apóiam e divulgam a música independente cearense. Ele confessou que a mídia corporativa de lá ainda não reconhece o meio. “Não conheço sequer um fanzine que resenhe bandas. Há raros profissionais com informação. Tem que ser didático se for negociar destaque. Minha experiência é de jornal impresso, e não sei reclamar do que não conheço, então digo que a situação pelos altos cargos da redação ainda é pior. A coisa é vista como alegoria, excentricidade”. Ainda assim, Felipe consegue apontar exceções como os sites dos dois principais pontos alternativos da cidade (Hey Ho e Noise3D Club), além do selo Empire Records.

Dado Pinheiro, um dos sócios da Noise3D, acompanha toda essa movimentação desde 2000. Ele faz o mesmo discurso de Felipe a respeito da falta do apoio da mídia, e acrescenta que falta respeito às bandas no sentido de valorizar o trabalho delas na abertura de shows de artistas de outros estados. Um ponto curioso que Dado revela é a enorme disputa por espaços, porque há muita gente querendo aparecer e poucos locais disponíveis. O problema, de acordo com Dado, nem é tanto pela falta de lugar, mas pela não iniciativa para aumentá-los. “Falo assim mostrando o meu ponto de vista com relação ao Noise3D Club, onde passamos por algo parecido. Quando abrimos espaços para vários projetos na casa, vimos que chegou uma fase que todos estavam tentando manter o mesmo público nas três ou quatro noites do Noise3D. Todos sofreram com isso”. Ele denunciou que muitas bandas se fecham em rodas que só elas tocam e isso satura o público. “Eles não ligam em se interar com outros grupos para assim

ter sempre algo novo a apresentar. Na minha opinião, quando todos que fazem eventos na cidade e as bandas se tocarem que é preciso procurar essa união, todos vão sair ganhando”.

Para Felipe, as painéis existem e sempre vão existir sempre até porque isso é inerente do ser humano. “Uma movimentação como o Manguê Bit é inimaginável por aqui, pelo menos a curto/médio prazo. Há bandas que se ajudam a fazer shows, articulam coletâneas. Há amigos de verdade. Mas ainda acho que a coisa se apóia muito na cultura de proteger o seu. E não estou julgando se é certo ou errado, é apenas a minha visão e versão”.

É claro que o objetivo desta matéria não é descascar os problemas de Fortaleza, mas sim mostrar suas peculiaridades e também uma realidade que é comum a vários outros locais do país. Afinal, a cena independente vive de muitas realizações e de muito trabalho por parte de alguns. Mas tudo é feito depois da superação de dezenas de problemas. A verdade é que tendo cena ou não, essa movimentação do underground que acontece no Ceará é ainda muito jovem e só agora ela começa a chegar até outros estados. Até o final da década de 90, tudo que se ouvia do Nordeste era de Pernambuco para baixo. Hoje se percebe que algumas bandas de Fortaleza chamam a atenção e ganham mais e mais espaços nas folhas de fanzines, sites e jornais. O número poderia ser muito maior se existisse uma visão empresarial da coisa por parte delas, o que é um reflexo da própria juventude desse movimento.

Segundo Felipe, se por um lado há gente “tarimbada” que procura se reinventar, por outro há aquelas que querem ser grandes, mas sem noção de divulgação, superexposição e mídia espontânea. Outros estão cientes disso, mas são cegos à própria evolução musical. “Mas que há bandas com potencial foda, é inegável”, disse. “Bandas espetaculares como Cidadão Instigado e Macula estão bem à frente dos padrões pop. É uma linguagem além do que se entende por música comercial hoje. Outro lance bacana é que a música daqui começa a ser reconhecida sem vir, por parte da crítica, a tiração do sotaque e o rótulo do exotismo”. Dado Pinheiro aponta para a maturidade e renovação. “Gente como Marie Poppins, 2fuzz, Dago Red e Switch Stance atingiram a maturidade com boas turnês e CDs, e procuram atingir um nível altíssimo para as coisas que são feitas sem recursos e numa cidade cujo principal produto é o forró”, disse. “A renovação aqui, o sangue novo, vem das bandas novas como Telerama, Plastique Noir, Café Colômbia, George Belasco e o Cão Andaluz, Charruh, Macula Et Circenses, Fóssil, Monophone, Quarto das Cinzas, O Sonso, Silenzio, Dead Leaves, Altifalante, La Scene, October Leaves, Volúpia, Sévia, e para fechar a Montage, que é uma das bandas mais bem sucedidas do momento”.

COLOQUE A SUA MENSAGEM PESSOAL AQUI

O Elefante Bu também está aberto para divulgar eventos interessantes. Mande o seu que o zine publica se tiver espaço e se ele não vencer até o lançamento da edição.

O evento abaixo foi citado na entrevista de Fernando Rosa, mas quem mandou o folder foi o músico e compositor Marcelo Mendes, que participa da coletânea sobre a terceira onda do rock brasileiro. A primeira onda aconteceu nos anos 80 com a banda Aborto Elétrico, que deu origem e foi referência para muitas outras, como a Legião Urbana e Capital Inicial. Também participaram a Plebe Rude, Peter Perfeito, Finis Africae, Escola de Escândalo e a Detrito Federal.

A chamada "segunda onda" veio na década de 90 do século passado (incrível isso, não?). A Raimundos foi a maior expoente dessa geração que também contou com a Little Quail And The Mad Birds, Maskavo Roots, DFC, entre outras bandas. Agora vivemos "terceira onda", de uma geração que usa a internet para se mostrar, mas que ainda não conseguiu atingir o grande público da mesma maneira que seus antecessores. Apesar disso, ela está aí na luta e conta com o apoio de pessoas como Fernando Rosa para acontecer.

Se ir aos shows não pode ser possível porque eles já aconteceram (ou você mora em outro estado), o que vale na divulgação desse folder é o endereço www.clicabrasilia.com.br para baixar as músicas da coletânea dessa nova onda e curtir muito.

TERCEIRA ONDA
O NOVO ROCK DE BRASILIA.

Passados mais quarenta anos, o rock de Brasília continua mais vivo do que nunca. Hoje, temos uma das cenas mais criativas do país. O projeto Senhor F na Escola reuniu 19 bandas desta nova safra na coletânea "Rock de Brasília - A Terceira Onda". Em parceria com o portal CLICBRASILIA, do Jornal de Brasília, oferecemos para "download" gratuito o CD completo, com músicas, capa e encarte. Ouça, baixe e divulgue para seus colegas e amigos.

Baixe a coletânea, na íntegra e grátis!
Todas as músicas em mp3.
Capa e encarte em alta resolução para impressão.
Aqui, neste endereço: www.clicabrasilia.com.br
Uma cortesia do portal ClicaBrasília.

Shows de lançamento da coletânea
Dias 1, 2, 3 e 6 de setembro, na sala Martins Pena do Teatro Nacional.

Shows com 18 bandas independentes de Brasília.

PROGRAMAÇÃO	
Sexta-feira - 1/9 - 20h	Domingo - 3/9 - 19h
Prot(o)	Bois de Gerião
Phonopop	10Zero4
Beto Só	Mentes Póstumas
Disco Alto	Lucy and the Popsomics
Suite Super Luxo	
Sábado - 2/9 - 20h	Quarta-feira - 6/9 - 20h
Sapatos Bicolores	Gramofocas
Capotonies	Super Stereo Surf
Virgem Again	Superquadra
Marcelo Mendes e os Bacanas	Watson
Postal Blue	

EXIBIÇÃO DE CLIPES

ENTRADA GRATUITA E LIVRE

Ouça o **PROGRAMA SENHOR F 100.9**, na Rádio Cultura FM 100,9, todas as quintas-feiras, das 22 às 24 horas, com produção e apresentação de Fernando Rosa & Pedro Brandt.

Leia a revista Senhor F
(www.senhorf.com.br)

Agradecimentos especiais ao FAC pelo apoio, ao Secretário de Cultura Pedro Bório pelo incentivo, às bandas de Brasília pela participação, aos produtores Gustavo & Thomas Dreher pela edição e masterização da coletânea, ao pessoal do Arte Por Toda Parte pelos shows e à Secretaria de Educação, escolas, diretores, professores e alunos que participam do projeto.

As incríveis aventuras de...

Você se lembra do Escapista? Ele foi um dos personagens clássicos que fizeram um estrondoso sucesso nos anos 40, a época de ouro dos quadrinhos. O Escapista era um mestre do escape e não existia um cadeado que pudesse prendê-lo. Para torná-lo ainda mais super, ele carregava consigo a chave dourada, concedida pelos anciões do escape, que aumentava sua força natural. O curioso é que o rosto por trás da máscara do herói era de Tom Mayflower, um manco. Mas quando ele vestia a roupa azul e colocava a chave dourada em volta do pescoço, se transformava naquele que corria o mundo libertando as pessoas de suas correntes e socava a cara de nazistas.

Na verdade, o Escapista era um retrato de seus criadores Sam Clay e Joe Kavalier. Ambos eram judeus, sendo que Clay era americano e Kavalier era tcheco que chegou naquele país fugido da segunda guerra mundial. Como a biografia dos dois revela, o primeiro se locomovia com certas limitações em consequência da poliomielite que sofrera quando criança. Já o segundo, antes de se tornar um estudante promissor de artes plásticas em Praga (largou o estudo em função da guerra), foi pupilo de um mágico da cidade cuja especialidade era o escape. Kavalier era fã de Harry Houdini e essa foi a razão que o levou a aprender a arte.



A biografia de Kavalier e Clay é mais interessante do que a do herói que eles criaram nos anos 40. Eles também lançaram dezenas de personagens secundários que logo desapareceram e viraram relíquia de colecionadores. Talvez o segundo mais importante foi a Mariposa Luna, cujos quadrinhos são mais lembrados pelas técnicas ousadas e inovadoras dos desenhos de Joe Kavalier do que a história em si. A dupla foi também responsável pelo amadurecimento das histórias em quadrinhos, que no início era considerada uma arte menor e para crianças. A razão foi o filme Cidadão Kane. Depois de assisti-lo, eles modificaram a narrativa do Escapista, o que atraiu também leitores adultos.

A dupla Kavalier e Clay foi considerada uma das mais bem sucedidas entre os criadores de quadrinhos ao lado de lendas como Jerry Siegel e Joe Shuster os criadores do Super-Homem.

Agora se você não lembra do Escapista, da Mariposa Luna ou do nome desses dois criadores, e até duvida da existência deles, ponto pra você! É que todos eles são criações de Michael Chabon no livro *As Incríveis Aventuras de Kavalier e Clay*, lançado em 2000. O escritor recebeu por esse trabalho o prêmio Pulitzer em 2001, na categoria de Melhor Romance.

As Incríveis Aventuras de Kavalier e Clay é memorável e merecedor de prêmios. Chabon conseguiu unir elementos do romance com os da construção de uma biografia e história. O resultado é que Kavalier e Clay se transformaram em personagens que acompanharam o curso da história e você até questiona se eles não foram mesmo reais.

Uma curiosidade é que a publicação fez tanto sucesso, que o Escapista ganhou a sua revista em quadrinhos. Trata-se de uma mini-série de seis revistas escritas por Brian K. Vaughan. O primeiro número foi lançado mês passado nos Estados Unidos pela editora Dark House.

A NOITE

Gizza Machado

noite... noite...
noite...
o que você quer
de mim?
me envolve no seu
véu
realiza minhas
loucuras.
noite... noite...
noite...
hoje estás tão
bela, tão intensa
que me sinto livre
pra convidá-la a
sair comigo.
noite... noite...
noite...
o que você espera
de mim?
um simples mortal
que te deseja, que
te ama,
mas não sabe
como tê-la.



O NASCIMENTO DE UMA CRÔNICA

GEORGIANA CALIMERIS

Resolvi que tinha que parir uma crônica de qualquer jeito, custasse o que custasse. Afinal, existe um prazo para se trabalhar e estava nele por um tênue fio. Nada veio à mente até que me vi sozinha na rodoviária, sentada à beira da Buriti Lanches, em frente à Pastelaria Viçosa, parindo a dita cuja sem dificuldades.

Tive uma aula de dança e estava dando carona para umas colegas quando o carro começou a falhar. A melhor coisa que fiz, foi parar o carro perto da rodoviária. Mas, não esta crônica não é sobre desventuras, mas, sobre carinhos e gentilezas. Nos pequenos gestos das meninas, não me apavorei nem entrei em pânico, coisa comum para mim em situações similares. Decidi escrever sobre este momento porque estava munida de comida e esperança.

Quando as meninas perceberam que eu ficaria sozinha, ofereceram ajuda. Pedi para usar um celular para ligar para um amigo e duas se ofereceram com o aparelho (aleluia!), uma se ofereceu para ficar comigo, outra me deu um cartão telefônico e biscoitos doces e também deixaram 5 reais para comprar gasolina. Mesmo morando longe, elas ficaram preocupadas comigo e fiquei admirada com os delicados gestos que recebi de carinho e ajuda. Sem este auxílio, teria realmente me desesperado.

Este tipo de gesto toca a minha alma de maneira profunda e sutil, pois, em dias como os nossos, os homens se esqueceram de que pequenos gestos mudam a vida da gente para sempre. Um sorriso, um toque gentil na pele, uma ajuda inesperada. Todas estas coisas permanecem comigo e as meninas me ajudaram ao me confortar de uma maneira tão simples e tão forte. Também fiquei surpresa com a gentileza do filho do dono da Buriti lanches (cujo atendimento é muito bom!), que trocou palavras gentis enquanto fechava a loja e me cedeu um pedaço de papel higiênico na falta de um papel A4 para escrever à mão. Gestos pequenos eles fazem a vida valer a pena.

Que Deus abençoe as boas pessoas como essas quatro meninas!

